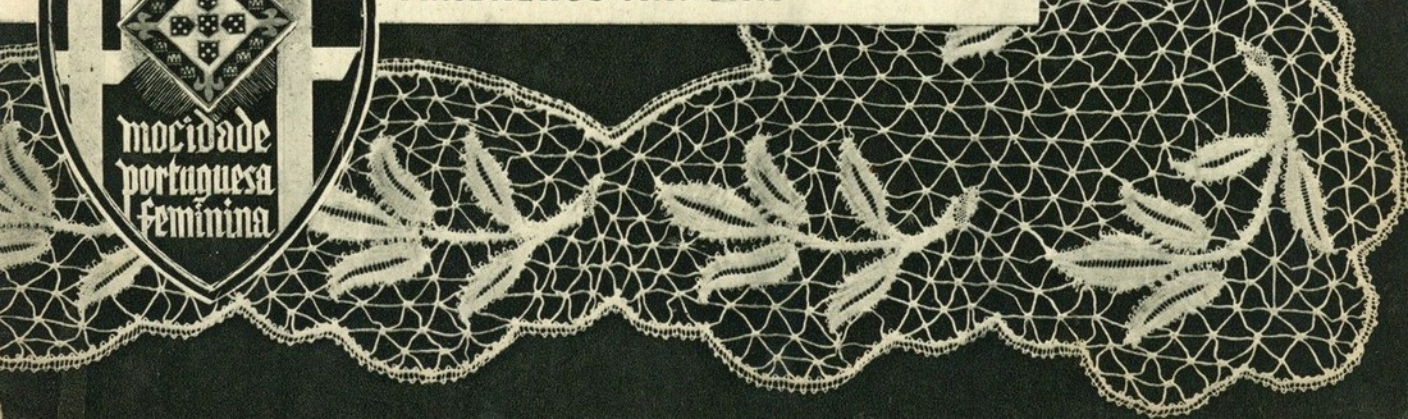
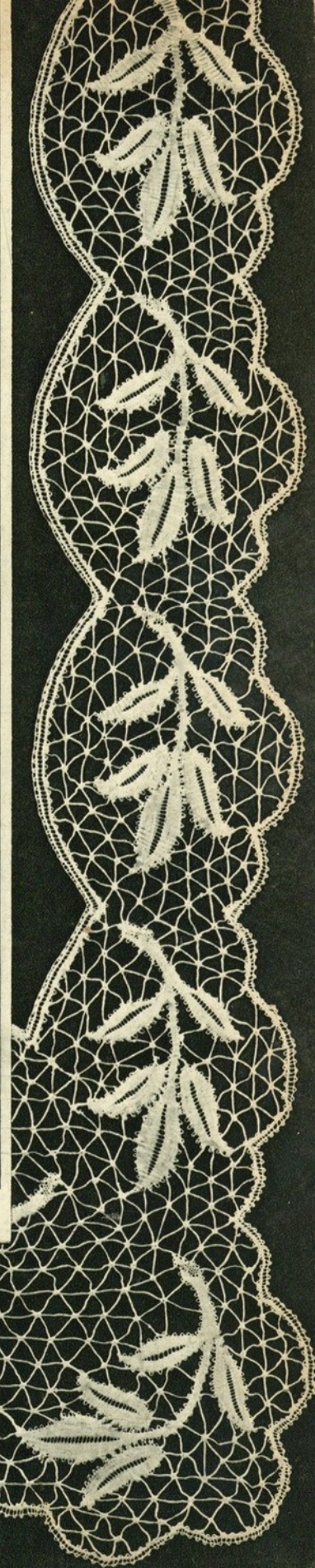
TRABALHOS MANUAIS (Foto Torres)

Paisagem de inverno

Sumário

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

N.º 46 FEVEREIRO 1943

BOLETIM MENSAL \\ PREÇO 1$00 \\ ASSINATURA AO ANO 12$00

HEROICAMENTE

METE-TE outra vez bem dentro da palavra e de tudo o que ela pede.

Os tempos correm a favor do Heroïsmo. Correm, crê.

Não o dizem por aí — e até se pensa o contrário — mas quando nos pômos em face da realidade, a única conclusão é esta:

— Só vale a pena viver a vida quando a vivemos heròicamente.

E mesmo que nada ajude, e até por êste motivo mesmo, é que é querer, contra tudo e contra todos, dar à vida sentido heróico.

Põe adiante dos olhos e adiante do coração e adiante do peito e adiante da vida uma séta tôda iluminada de sonho e grandeza: sentido da tua mocidade...

Uma séta iluminada e iluminadora, cheia de côr, cheia de oiro e sangue, a apontar todos os grandes destinos, a provocar generosidades e brios...

Espadas e bandeiras, martírios e cruzes — e a séta a apontar, a obrigar, a vencer tôda a cobardia, tôda a timidez, tôda a pequenez...

Acredita que vale a pena viver, quando vivemos honradamente, heròicamente.

* * *

Obedece um dia à tua séta — essa tentação exaltadora de vida sublime e grande que trazes lá dentro de ti...— Obedece-lhe um dia, ainda que não seja senão por experiência, e verás como te deitas nesse dia mais contente, mais feliz.

A alegria de ter cumprido, de ter querido viver sem mentira e sem vergonha, sem ter fugido em nada ao Dever e a Deus, vale por tudo.

Experimenta — e nessa noite sonharás coisas lindas de um mundo desconhecido.

Andarão donzelas tôda a noite a coroar-te de flores e de eras perfumadas — e anjos tocarão os divinos harmónios dos altos céus — e palmas, as palmas dos triunfadores, juncarão os caminhos da tua alma.

Experimenta... atira-te para as conquistas dolorosas, as que nos marcam com cicatrizes sublimes — à maneira de estigmas de milagre — e verás como deixas logo de bocejar diante da vida.

* * *

E não faltam emprêsas e campos de batalha.

É querer. É olhar em frente — sentido da séta flôr de oiro e sangue — e virão de todos os lados convites e apêlos.

A emprêsa enorme da conquista de ti mesma contra ti mesma...

A emprêsa enorme de não faltares nunca ao Dever...

A emprêsa de seres, hoje, melhor do que fôste ontem...

A emprêsa de enfrentares o meio em que vives e seres contra êle...

...mais: seres lá, no entanto, uma afirmação, uma presença viva e espiritual...

A emprêsa linda de te fazeres rapariga cristã e portuguesa...

...fazeres-te à custa de ti mesma...

Lindas batalhas — santas emprêsas...

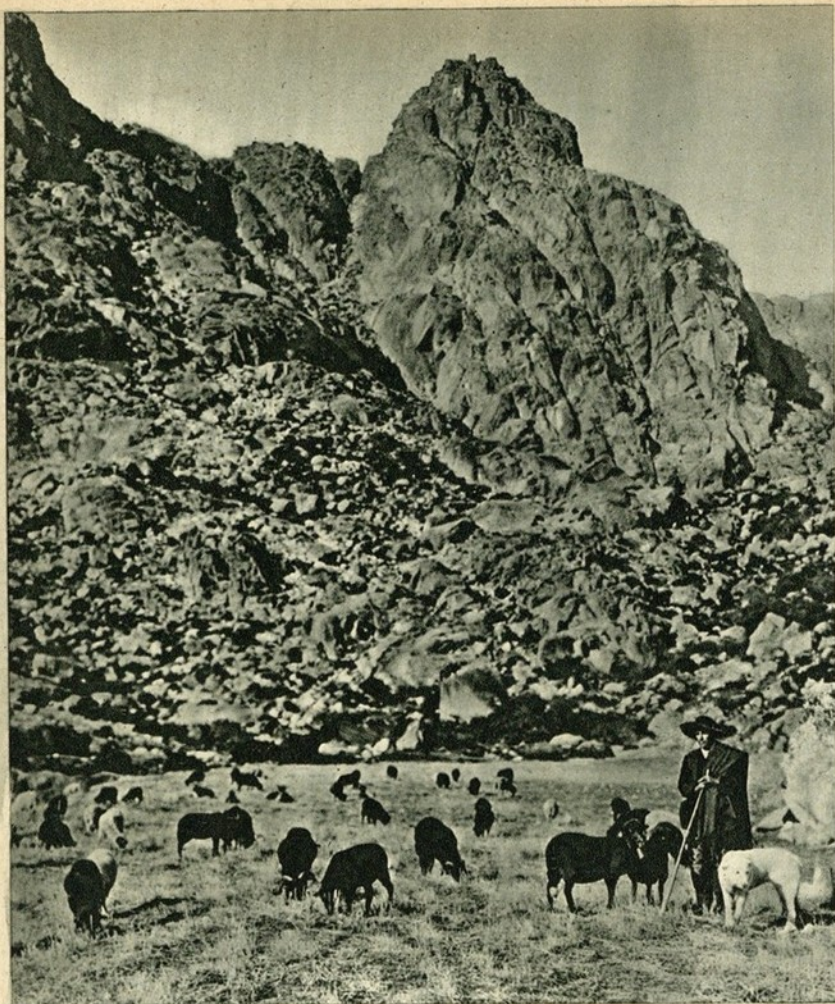
apêlos heróicos para a vida heróica.

Se quiseres trazer uma séta côr de oiro e sangue adiante do coração, como subirás alto e alto!

Sonha tôdas as horas com uma vida heróica, fora da vulgaridade.

Agarra-te aos remos e larga a barca para o mar largo do Heroïsmo. Repete baixinho: **Heroïsmo.**

G. A.

Como Joana, a humilde pastora de Domremy, escutai sempre as «vozes» que vos falam de heroismo e santidade!

Cantaro Magro, visto da base

ATRAVÉS DA SERRA DA ESTRÊLA

VOU levar-vos comigo à *Serra da Estrêla*, numa viagem que me levou 3 dias, mas que terei de resumir em poucas linhas, o que me obriga a escolher com dificuldade entre tantas coisas que teria para vos contar.

Não vos falarei da *Serra* por onde se anda de automóvel, mas da *Serra* intima e ignorada que fica para além das Penhas Douradas.

E logo assim de entrada, não achais sugestivo de poesia e de beleza este nome? As Penhas Douradas são uns penedos audaciosamente erguidos no Vale das Éguas, assemelhando-se a tôrres, com recortes talhados fundo como ameias, que nos lembram um velho castelo roqueiro.

Chamam-lhes Penhas Douradas porque a luz do poente, batendo-lhes no musgo amarelado, as doira maravilhosamente.

E andando, andando, Serra fora, vamos dar ao Fragão do Ronca, um enorme rochedo que Sousa Martins assim baptisou, recordando o dormir ruidoso dum dos companheiros da sua excursão.

E' um dos acampamentos tradicionais das idas à *Serra*; dum dos lados tem uma cavidade que se presta excelentemente para abrigo. Ali passamos a 1.ª noite.

E, seguindo ainda as tradições, quando a noite cai, deitamos fogo aos zimbros.

O zimbro é um arbusto rasteiro, o único que cresce na *Serra*, passada uma determinada altitude. O fogo incendeia-lhe ràpidamente as folhas, mas os troncos resistem e servem de lenha para futuras caravanas.

São tão lindas as fogueiras de zimbro! As chamas sobem alto, em línguas estreitas que atiram para o céu milhares de cêntelhas, que fogem doidas. Pontos luminosos umas, pequeninos fios que se cruzam e já se não vêem outras, tôdas teem a mesma vida brilhante mas efémera.

Dessas fogueiras, crepitantes e avermelhadas, como se às chamas se misturasse o sangue dos próprios zimbros a arder, sobem novelos de fumo, densos e brancos que se desenrolam e esfarrapam pelo ar...

E a nossa alma evola-se também... Como diz Afonso Lopes Vieira:

«As almas são irmãs do fugitivo fumo,
Nostálgicas do fugitivo rumo,
Ansiosas de partir, pairar, subir...»

Na *Serra* desperta-se cedo. No dia seguinte, ainda não são 6 horas, já o nosso guia clama: — "Arriba, cavalinho branco!"

Curiosa, pregunto-lhe a que cavalinho branco se dirige, se eu só vejo ali pessoas e burros?!

"Cavalinho branco", explica-me êle, é o frio, chamam-lhe assim na *Serra*, onde tantas vezes de madrugada a neve ou a giada embranquecem tudo.

Tem razão o guia para lhe dizer: "Arriba!" Apesar-de estarmos em Agosto e embrulhados em cobertores, todos nós tiritamos.

Em marcha! A relva que pisamos, fofa e macia, abafa-nos os passos.

Vamos a caminho dos Cantaros, atravessando os Barros Vermelhos, assim chamados pela côr que aqui tem o feldspato em que se decompõe o granito. Dir-se-ia que caminhamos sôbre corais esfarelados.

À esquerda, fica-nos o Chafariz de El-rei, enorme tanque de água formado por rochas verde esmeralda.

E sempre andando, andando, pisamos uma lapa com o feitio da tampa dum alçapão. Batendo-lhe, soa ôco e alguém me diz que mora ali uma moura. Não quereis ouvi-la fiar? Basta encostar o ouvido ao chão...

Vou contar-vos a sua história. A filha do Emir de Manteigas era uma linda moura chamada Fátima; um dia, perseguida pelos cristãos, fugiu para a *Serra*. Quando, já exausta, ia a cair nas mãos dos seus inimigos, em frente da desafortunada moirinha apareceu uma estrada de pedras preciosas, tendo ao cabo um palácio brilhante como o sol, mas menos brilhante do que os olhos de Fátima. Refugia-se nele, mas palácio e moura devem-se ter sumido pelo chão abaixo, que nunca mais ninguém a viu nem à sua rica moradia...

Só uma vez sucedeu que uma rapariga, que por aquele sítio passou, chorando porque amava e era amada, mas, ela e o noivo, tão pobres ambos que não podiam casar, viu no chão figos sêcos e apanhou-os. Quando em casa os tirou do cesto, achou-se com as mãos cheias de peças de oiro!

Tão humilde e tão simples até êsse dia, começou logo a sonhar com riquezas, a deixar-se dominar por grandes ambições.

Volta ao lugar onde encontrara os figos; procura anciosa, sem descanso. Mas uma voz muito doce diz-lhe: — "Vai-te! não te perdeu a pobreza, pode perder-te a ambição!"

Lago Viriato — Cântaros

A Serra da Estrêla, no inverno

Era de Fátima a voz que assim a aconselhava. Caindo em si, a pobre noiva, feliz com o seu pouco, nunca mais pensou nos tesouros da Serra...

Entre as belezas da Serra da Estrêla os Cantaros teem o primeiro lugar. Mesmo quem nunca foi à Serra tem ouvido falar e tem visto fotografias dêsses dois gigantes de granito.

Começam a avistar-se de longe. A' direita, o Cantaro Gordo, esmagando com a sua grandeza os montes vizinhos. De vez em quando o Cantaro Magro aparece também, esguio e altivo. Mas um e outro estão ainda distantes.

Lá em baixo fica a Lagôa da Paixão. Para aqueles que gostam de lendas, vem-lhe o nome de ter sido ali lançada a mártir Santa Apolónia. Aqueles que só nos seus olhos se fiam chamam-lhe da *Peixão* por ter a forma dum grande peixe. Atravessamos agora as Salgadeiras, assim chamadas por causa das suas pequenas pedras sobrepostas, como peças de carne acamadas na salgadeira e entremeadas por pedrinhas como areias e brancas como o sal.

No céu aproxima-se um ponto negro. Adivinha-se um corpo... são já umas azas.. Uma águia! Passa sôbre nós de azas largamente abertas, impondo respeito como uma rainha!

Emfim, os Cantaros são nossos, dos nossos olhos que os abraçam, do nosso espírito que os domina! Deante do Cantaro Magro o Gordo desaparece, pobre anão atarracado! São grandes! Magníficos! Veem-me à lembrança as gravuras de Gustavo Dorée.

Mas não só o que é grandioso tem beleza; aos nossos pés desabrocham humildes flores da Serra com a sua poesia também. Durante o inverno vivem sob a neve, mas vem um dia de vento tempestuoso que arranca a neve ou um dia de sol ardente que a derrete e essas pequeninas flores sorriem para a luz!

Mas uma das minhas companheira não repara nas flores: contempla encantada uma ferradura que acaba de encontrar... e como dizem que as ferraduras dão felicidade...

O que é certo é que uma ferradura, a 1.900 metros de altitude e por tão maus caminhos, não é objecto vulgar.

Que cavaleiro, por ali teria passado?

Só se foi «o Vento, que — como diz o poeta — vai por aí fora no seu cavalo a venter...» Ou talvez aquele cavaleiro que «à cata da ventura percorre todos os caminhos d'áquem e d'álem mar».

A minha companheira pode deitar fora a ferradura... «que a felicidade ela nunca a poude encontrar!»

E já que vos trouxe à Serra, decerto me levarieis a mal que não subissemos à Torre, o ponto mais alto do país, donde se vêem "terras de Espanha e areias de Portugal".

Uma tôrre de 7 metros fecha a conta dos 2000: a maior altitude de Portugal. E eu penso que essa tôrre ficaria bem servindo de pedestal a uma imagem de N.ª Senhora da Conceição, Padroeira da terra portuguêsa.

Para lá da Torre, no 3.º dia de viagem, esperam-nos as Lagôas. A mais conhecida é a Lagôa Comprida. O sol, atravessando a água muito transparente faz brilhar os seus rochedos como se fôssem semeados de palhetas de oiro. Ao largo, a água toma um tom carregado, luminoso, duma grande beleza. Em volta, a eterna verdura das urzes. Só faz pena, lá ao fundo, o muro da barragem: raras vezes a engenharia e a poesia se combinam bem!

150 metros acima fica a Lagôa Escura, mais pequena, mas sem muros nem rodas de ferro, conservando ainda todo o encanto do seu mistério.

Dizem que é tão funda que vai dar ao mar... Eu não vi, mas contam que monstros horríveis espreitam debaixo da água... Ai de quem, vendo-a tão quieta, se atrevesse a perturbar-lhe a misteriosa tranquilidade... Vamos a descer. Temos de dar o nosso passeio por findo, que o espaço destas duas páginas não dá para mais. Ao nosso lado corre a levada que será aproveitada para a energia da Central eléctrica. Há pontos onde a água desaparece coberta por fetos e urzes, mas, abre-se uma clareira, e a água, que deixámos tão modesta, sem folhos nem enfeites, aparece-nos vestida de rendas de espuma. Mas cada vez mais branca, a dizer-nos que não mudou, que a sua pureza é a mesma...

Com amor o povo canta-lhe:

"Ó água da minha terra
Água pura que pela Serra
Vens chorando de alegria...
Não me faltes para regar
A horta mais o pomar,
Nosso pão de cada dia!"

Seguindo a levada, chegamos à Senhora do Destêrro, lugar da concorrida romaria na Serra da Estrêla.

Não é bonita a Senhora; pequena e tão mal ataviada no seu vestido de setim branco e manto azul, bordado com estrêlas de oiro.

Minha pobre Senhora! com que semblante severo vos fizeram, a vós que nos acolheis com tanta doçura! Que mãos desageitadas vos deram, a vós que espalhais por elas tantas graças!

Mas que importa que a vossa imagem seja tosca?

Nela está escondido o vosso coração e quantos milagres tendes feito neste cantinho abençoado onde os vossos devotos vos veem visitar!

Senhora do Destêrro, aqui me fico aos vossos pés...

Maria Joana Mendes Leal

Vale dos Cântaros — Amanhecer

CONHECEM esta lenda do Reno na qual Wagner se inspirou para a sua ópera Lohengrin? Naquele tempo, os senhores eram pequenos soberanos nos seus condados. Num castelo das margens do Reno vivia a Condessa de Cleves, ainda jóvem e formosa como as mais formosas. A beleza da sua alma era ainda mais perfeita; boa e piedosa, os seus vassalos amavam-na.

Mas um dêles, ambicioso e perverso, cubiçando as riquezas da Condessa, recusou-se a prestar-lhe vassalagem, apoderou-se do seu castelo e levou a sua audácia a ponto de pedir a mão da nobre casteiã.

Apesar de prisioneira, a Condessa recusou unir-se ao cavaleiro rebelde, mas, como uma pomba perseguida por um falcão, sentia-se perdida...

Nenhum dos seus vassalos fiéis se atrevia a cruzar armas com o opressor, tão grande era a fama da sua fôrça.

Não podendo contar com auxílio vindo da terra, a Condessa voltou-se para o céu, pedindo a Deus que lhe valesse em tamanho infortúnio!

Conta a lenda que ela possuia uma pequena campainha mágica que trazia suspensa do seu rosário.

Quando, nas suas aflições, passava as contas do rosário, a campainha tinia docemente e o som repercutia-se ao longe, aumentando a sua sonoridade à medida que se afastava.

O CAVALEIRO DO CISNE

(LENDA)

Naquele dia, ao rezar as Ave Marias do seu rosário, em longinquas paragens um Rei ouviu a campainha e o coração adivinhou-lhe que aqueles sons vibrantes eram um apêlo de socorro.

Chamou o seu único filho, nobre cavaleiro que anciava por correr aventuras, protegendo os fracos e fazendo justiça.

Disse-lhe o seu pressentimento: alguém, na voz misteriosa daquele sino (à distância o som da campainha avolumava-se a ponto de parecer um sino), pedia protecção!

O Príncipe, mal ouviu o pai, sentiu-se impelido a acudir ao apêlo misterioso.

Sonhador, foi passear para a beira das águas do Reno — onde se erguia também o palácio do Rei, seu pai — e com grande espanto avistou, avançando pelo rio acima, um cisne que trazia atrelado a si um pequeno barco, prêso por uma cadeia de oiro.

Ao chegar ao lugar onde o Príncipe se encontrava, o cisne parou, como se aguardasse o seu embarque.

Êste, vendo no aparecimento do cisne uma manifestação da vontade divina, entrou no barco e logo o cisne, cortando as águas, se afastou, descendo o Reno.

No Castelo, a aflição da Condessa era cada vez maior. Chegara o dia em que o vassalo infiel tinha jurado obrigá-la a unir-se a êle.

Já as aias se preparavam para lhe vestir o traje de noivado... E ela mais desejava que lhe vestissem a mortalha do que pertencer ao cavaleiro desleal.

Mas eis que através duma janela do seu alto castelo viu no rio um cisne que conduzia num barco um cavaleiro adormecido.

Recordou-se que um monge lhe tinha profetisado que um homem adormecido a livraria um dia dum perigo eminente.

Corre ao rio, onde o cavaleiro, que acabara de despertar, a contempla maravilhado, e, de joelho em terra, lhe pede licença de bater-se contra o seu inimigo.

A Condessa, cheia de esperança e de alegria, confia-se ao defensor que a Providência lhe enviou. E o cisne, como se tivesse terminado a sua missão, desceu o rio e desapareceu.

Trava-se o combate entre os dois cavaleiros, em juízo de Deus. O orgulhoso vassalo cai trespassado pela espada do jóvem cavaleiro, a quem a Condessa agradece com palavras em que transparece o seu amor.

Pouco tempo depois, casaram. Eram felicíssimos, mas como nenhuma felicidade na terra pode ser perfeita, existia uma sombra na felicidade da Condessa: não sabia o nome do marido nem da terra donde êle viera, e

(Continua na pág. 13)

Visitai os Museus!

A visita aos museus dá-nos entrada num mundo desaparecido que revive e se reanima aos nossos olhos

MUITAS de vós, mesmo residentes em cidades em que há bons Museus, nunca os visitaram e, no entanto, deveis fazê-lo por motivos de cultura e devoção patriótica.

Nos Museus há obras de arte portuguesas que são verdadeiros hinos à Pátria e ao valor dos nossos antepassados; deveis conhecê-las.

Deveis alargar os vossos horizontes, espiritualizar a vossa vida, sem prejuízo dos vossos deveres.

Bem sei que há muita gente que para nada precisa de Museus, e também não ignoro a história do homem feliz, encontrado depois de longa e porfiada busca, que não tinha camisa nem, decerto, interêsse pela Beleza. Mas convém, sempre, chamar a atenção para as coisas belas...

Disse, em tempos, o notável homem de ciência e de letras Reinaldo dos Santos que o motivo do prestígio eterno da Grécia antiga não residia na lembrança, aliás gloriosa, da batalha das Termópilas, mas na obra imortal dos seus pensadores e artistas, como Platão e Fídias. E disse bem.

Fixai os nomes dos maiores pintores portugueses, Nuno Gonçalves, Vasco Fernandes, Domingos de Sequeira e Columbano, e procurai ver alguns dos seus quadros maravilhosos.

Ide ao «Museu de Arte Antiga», de Lisboa, e admirai os quadros de Nuno Gonçalves, verdadeiros hinos à Patria, e os quadros e desenhos de Domingos de Sequeira.

Os quadros de Columbano podeis vê-los no «Museu de Arte Contemporânea», de Lisboa.

Columbano foi o único pintor português que disfrutou a honra insigne de ter o seu auto-retrato na famosa «Galeria degli Uffizi», de Florença, juntamente com os dos pintores mais gloriosos de todos os tempos.

Se tiverdes possibilidade de passar em Viseu, não deixeis de ver os quadros magníficos de Vasco Fernandes, a quem chamavam Grão-Vasco.

Decorai também os nomes gloriosos dos estatuários Manuel Pereira, Machado de Castro, que foi o autor da estátua de D. José I, no Terreiro do Paço, de Lisboa, uma das estátuas equestres mais belas do mundo, Soares dos Reis e Teixeira Lopes, aos quais podereis juntar o nome ilustre do grande escultor contemporâneo Francisco Franco, autor das estátuas do navegador Gonçalves Zarco, da Rainha D. Leonor e do Rei D. João IV, a erigir em Vila Viçosa.

Nos Museus do Pôrto e de Lisboa há estátuas de Soares dos Reis e de Teixeira Lopes, autor do monumento a Eça de Queiroz e da estátua da Rainha Santa.

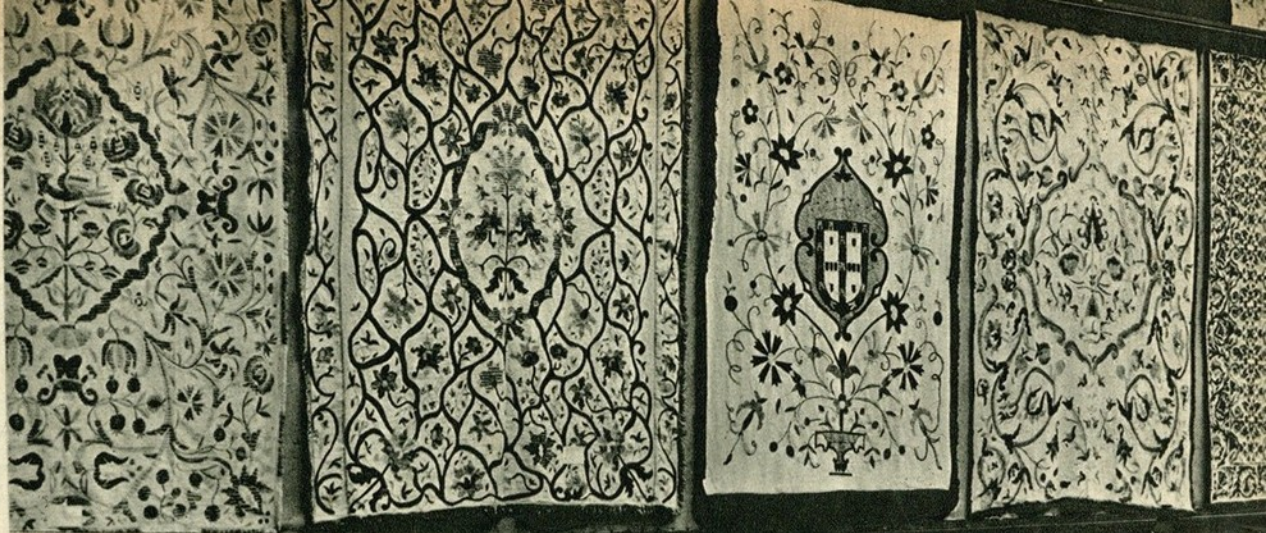
Fixai também os nomes dos grandes arquitectos Afonso Domingues, um dos que trabalharam na «Batalha», e dos irmãos Arrudas, que trabalharam na Tôrre de Belém, exemplar maravilhoso do estilo a que um ilustre crítico de arte chamou «estilo de epopeia».

Se vos fôr possível, quando visitardes algum Museu, ide em companhia de alguém que vos possa servir de guia.

Alargai os horizontes do vosso pensamento!

Pensai nas coisas belas!

A. M. L.

Nota da Redacção: As filiadas do Centro Universitário de Lisboa visitaram em Janeiro o «Museu de Arte Antiga», visitas culturais que continuarão a realizar-se mensalmente. No próximo número daremos uma notícia mais pormenorizada.

Colchas de Castelo Branco, bordadas na Escola de Bordados Regionais da M. P. F., naquela cidade

TRABALHOS MANUAIS

As mulheres portuguesas têm o culto dos bordados. Entre nós, como em todos os países civilizados, os bordados e as rendas, quer como criação artística superior, quer como produto da actividade caseira das classes médias, ou ainda como manifestações de arte popular, ocupam lugar de justo destaque no inventário da produção nacional.

Em todos os lares portugueses, desde o mais humilde casal ao mais sumptuoso palácio, há sempre lugar para a exibição dum trabalho de mãos que ateste o gôsto e a necessidade nata, que tôda a mulher sente de embelezar o seu interior. Desde o popular croché ou o não menos popular e simpático bordadinho em ponto de cruz que na casa do pobre enfeita a toalha da cómoda e remate a cortina da exígua janelinha, até aos bordados e rendas de factura complicada que nas casas dos ricos ornamentam as roupas de cama, de mesa, os cortinados, etc. — que infinidade de géneros, de modalidades onde o instintivo engenho feminino se pode expandir amplamente. A mulher portuguesa, só excepcionalmente não é dotada de habilidade manual; a acrescentar a êsse predicado, ela é dotada duma índole doméstica que a faz preferir a tôdas as actividades, aquelas que podem desenvolver-se dentro das quatro paredes da sua casa. E assim é que, uma vez cumpridas as obrigações mais urgentes, tais como limpesas e arrumações, tratamento e conservação de roupas, ei-la disposta a dedicar os seus ócios à execução dêsses trabalhos de mãos onde o seu gôsto e fantasia encontram terreno propício para a criação de tantas pequenas coisas que aliem a utilidade à beleza, e que tanto encanto dão àquelas casas onde se sente a presença duma mulher requintada. O prazer de dotar o seu lar com mais uma fresca e florida toalha de mesa, uma decorativa e cómoda almofada, um «abat-jour» que tamisando agradàvelmente a luz, torna atraente e acolhedor o canto mais íntimo da sala de estar, uma tapeçaria, e um cortinado — compensam-na largamente do esfôrço dispendido.

A vida moderna é cheia de requintes e exigências. Os interiores das pessoas que se prezam (já não digo das pessoas com fortuna), são cada vez mais elegantes e confortáveis, e a nota delicada dum bordado artístico, torna-se indispensável num ambiente de bom gôsto.

Actualmente, não se concebe um jantar de cerimónia que não seja servido sôbre uma toalha bordada ou rematada com bonitas rendas feitas à mão.

É verdade que o mercado está profusamente fornecido com êsses artigos de luxo. A Ilha da Madeira, S. Miguel, Peniche, Vila do Conde e Viana do Castelo, fornecem belos exemplares de bordados e rendas que só têem o inconveniente de não serem acessíveis a tôdas as bôlsas. Mas, tôda a mulher de educação esmerada e gôsto educado, sente um justificado orgulho em exibir perante as pessoas das suas relações, trabalho feito por suas próprias mãos, criado pela sua imaginação e executado pacientemente durante os serões familiares. Evidentemente que nem todas podem realizar essas maravilhas de perfeição técnica que exigem por vezes uma vida inteira de aplicação e prática; géneros há, sobretudo nas rendas, que não são acessíveis a simples amadoras... Mas, já que os trabalhos de mãos estão tão arreigados nos usos e costumes nacionais, tanto nas senhoras das mais nobres famílias, como nas populações rurais femininas, que as rendas e os bordados foram tão amorosamente cultivados pelas nossas avós, que nos legaram o precioso recheio das suas inexgotáveis arcas, onde os crivos, os «crochets», as rendas de duas agulhas, os bordados a branco, a ouro e a matiz rivalizavam em perfeição e minúcia — não percamos o fio dessa linda tradição, não consentindo que o dinamismo da vida moderna nos afaste de uma prática que só dignifica a mulher, seja qual fôr a profissão que tiver escolhido na luta que a aspereza dos tempos a obriga a travar ao lado dos homens.

E, já que estas linhas têem por fim incutir nas nossas filiadas o gôsto pelos trabalhos manuais, não será descabido frizar, com inteira justiça, o valor e inigualável qualidade das creações dos nossos centros produtores de bordados e rendas, passando em revista, sumàriamente os seus géneros e características.

Duma rápida enumeração, podem destacar-se, como produtos mais afamados, dos quais alguns, pelas suas possibilidades de expansão, conquistaram os mercados mundiais — os bordados da Madeira e as rendas de Peniche. Dos primeiros, pode dizer-se sem perigo de exagerar, que são conhecidos em todo o mundo. Executados com inexcedível perfeição por mulheres do povo do interior da Ilha,

oferecem actualmente uma tão grande variedade de géneros, que satisfazem os gostos mais exigentes.

Quanto às rendas de bilros (a designação de rendas de Peniche generalizou-se, havendo contudo outros importantes centros de indústria rendeira, tais como: Viana do Castelo, Vila do Conde, Setúbal, Silves e Lagos) são produtos que talvez a sua excessiva industrialização tenha banalisado mas que, quando cultivados com elevação, técnica esmerada e direcção competente como se está fazendo na Escola Josefa de Óbidos, de Peniche, e Baltasar do Couto, de Vila do Conde, podem atingir a categoria de manifestações artísticas superiores. Haja em vista certas peças dignas das vitrines dos museus, tais como a formosíssima toalha de altar da Igreja das Mercês em Lisboa, executada por alunas da Escola de Vila do Conde, sôbre um desenho dum ilustre artista pintor que ao tempo dirigia essa escola; o leque do museu de arte contemporânea, da autoria da Sr.ª D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, e tantas outras obras dessa grande artista e das suas discípulas e continuadoras; o vestido de batisado, em finíssimo fio de seda côr de marfim que o público teve ocasião de admirar na Exposição de Berços e Enxovais da 1.ª Semana da Mãe, etc. etc. Esses trabalhos honram as artífices portuguesas e pena é que não tenham sido mostradas no estrangeiro por ocasião das últimas Exposições Internacionais onde países como a Itália, a Bélgica, a Checoslováquia e a Iugoslávia expuseram as produções das suas Escolas Técnicas Femininas, em lugares de tanto destaque que bem atestam a importância que nos países civilizados se atribui a estas belas manifestações das artes industriais.

Tapete de Arraiolos

Outras notáveis criações do artesanato nacional são as tapeçarias de Arraiolos e os bordados a seda frouxa da região de Castelo Branco.

Das primeiras existem nos museus e nas colecções particulares exemplares antigos de grande valor e incontestável beleza. Inspiradas nos tapetes persas, o seu estilo quadra-se admiràvelmente com todo o mobiliário de estilo. Não sendo de uma técnica difícil, qualquer senhora deligente, dispondo de um bonito modêlo antigo para copiar, tempo e paciência, pode realisar um trabalho que porá sempre, numa sala, uma nota suntuosa e decorativa. Dos bordados de Castelo-Branco, por mais louvores que se teçam em sua honra, nunca o seu elogio será exagerado. Sendo também de inspiração oriental, os seus desenhos simbólicos, o brilho mate da sêda natural com que são executados, a riqueza da sua policromia, fazem das colchas de noivado de factura erudita dos sécs. XVII e XVIII os mais belos bordados conhecidos. Outros bordados há, de menor importância, mas de delicioso sabor nacional tais como: os bordados de Viana do Castelo, em lãs policromes, ou em algodões azul, branco e vermelho; os crivos de Guimarães; os bordados de Tibaldinho; os pontos abertos de Nisa; e todos os bordados que nunca deixam de ornamentar os mais característicos trajes regionais portugueses.

Por esta rápida resenha se pode avaliar a riqueza e variedade de géneros que no capítulo de bordados e rendas se cultivam em Portugal.

Mãos à obra, pois, raparigas da M. P. F. Inspirai-vos nos modêlos criados pela tradição nacional, (que outros não encontrareis mais belos), e podereis estar certas de executar lindas obras que vos tornarão orgulhosas das vossas habilidades, e deixarão no vosso espírito a sensação de que, ao mesmo tempo que sois mulheres da nossa época, conservais aquêle perfume de feminilidade que dá a prática dos trabalhos de agulha, sem o qual nenhuma mulher se pode considerar completa!

Maria Clementina Carneiro de Moura

Toalha do altar de St.ª Terezinha, da Igreja das Mercês; trabalho em renda de bilros executado na Escola Baltazar do Couto de Vila do Conde, sôbre um desenho do pintor Rui Vaz

Centro Universitário

1.ª Sessão Cultural

As filiadas da M. P. F. da Faculdade de Letras de Lisboa, deram início à série de sessões culturais que estão no programa do Centro Universitário.

Estas sessões têm por fim reünir as raparigas universitárias, filiadas da M. P. F. e não filiadas, num ambiente simples de amizade, onde a par da distracção, encontrarão ocasião de conhecer assuntos que a vida universitária não permite penetrar nelas.

Nesta 1.ª sessão, que correu nesse desejado ambiente de família e de grande animação, um grupo de filiadas da referida Faculdade, pôs ao serviço desta organização todos os seus recursos. Umas deram as suas qualidades de dramaturgas, outra de poetisa, outras de ensaiadoras, etc., etc. e assim com grandes boas vontades e união conseguiu-se tirar um pouco de tempo à nossa vida agitada para levar àvante o nosso sonho.

Constou duns recitativos, dum número de canto e da parte essencialmente cultural: palestra sôbre as origens, evolução e estrutura da Tragédia Grega, seguindo-se a representação da tragédia "Magistrofobia", escrita por duas filiadas, segundo os moldes gregos, mas versando um assunto da actualidade — o ambiente da Faculdade de Letras.

A representação da tragédia, à qual não faltava o Prólogo, Párodo, os Episódios separados pelo stasimou e o Exodo, causou vivo interêsse no auditório, em especial nas alunas de Letras, que viam ali focada a sua Faculdade.

A sessão terminou com o hino da M. P. F. cantado por tôdas as filiadas da Faculdade de Letras e algumas simpatizantes.

Retirámos satisfeitas por darmos realização a uma idéia que andava na mente das pessoas que se interessam verdadeiramente por todos os assuntos que possam elevar a rapariga portuguesa.

Bela Emília de Castro (Centro 65)

Liceu Pedro Nunes

A M. P. F. do Liceu Pedro Nunes não quis deixar passar a quadra do Natal sem que um gesto nobre de humana solidariedade a assinalasse.

Assim, no dia 18 de Dezembro deu um bodo e distribuiu roupas, brinquedos e géneros alimentícios às crianças pobres do bairro, proporcionando-lhes um pouco de alegria e confôrto.

Após o bodo e a distribuïção, os pobrezinhos passaram em frente de um presépio que propositadamente se armou na sala contígua. Um grupo de filiadas do Centro entoava entretanto loas ao Menino Jesus.

Os encargos foram cobertos por um peditório organizado entre professores e alunos.

Para esta pequena festa muito contribuiu a boa vontade de todo o pessoal docente bem como das alunas e alunos.

No entanto devem destacar-se dois nomes: o do ilustre Reitor, dr. João Matilde Xavier Lobo e do da Professora, D. Maria Constança Múrias, directora do Centro. O primeiro concedendo tôdas as facilidades e manifestando vivo interêsse, a segunda pela animação que deu a tudo com o entusiasmo e actividade que lhe são peculiares.

Angelina de Macedo

Donativos

O Ex.^{mo} Senhor Governador Civil de Vila Real dignou-se conceder à Sub-Delegacia daquela cidade 500$00.

Pela Câmara Municipal da mesma cidade foi também concedido à M. P. F. um subsídio de 1.000$00 para o corrente ano económico.

Sua Ex.ª o senhor governador civil de Bragança enviou 100$00 para o Centro n.º 4, Ala 3, em Trás-os-Montes.

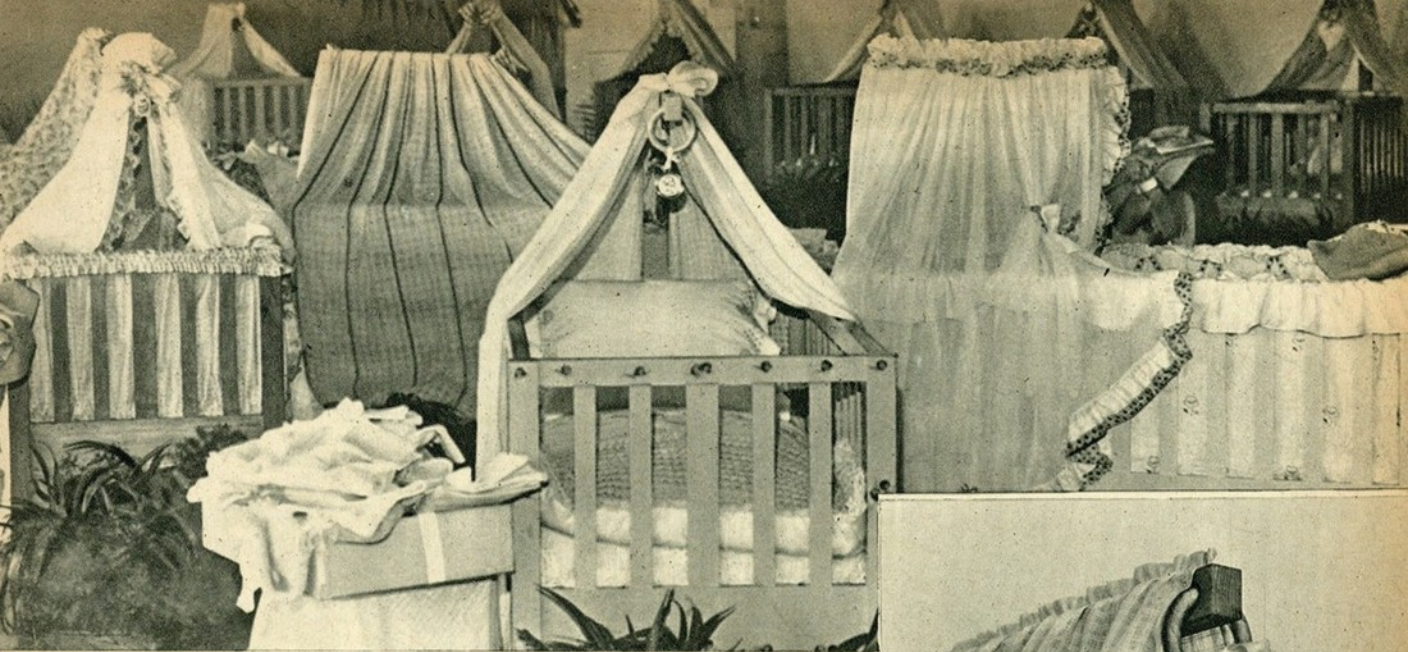
Do senhor Presidente da Camara de Vila de St.º António 600$00 à M. P. F. da localidade.

Da Camara de Vila Real 1.000$00 à M. P. F. da região.

A todos, os nossos melhores agradecimentos.

BRAGANÇA — Berços e enxovais oferecidos pela M. P. F.

BARCELOS — Trabalhos oferecidos pelos Centros n.º 2 na «Semana da Mãe»

SETUBAL — Berços e enxovais confeccionados e oferecidos pela M. P. F. às mães pobres

Um aspecto da exposição dos berços no Liceu Maria Amélia Vaz de Carvalho de Lisboa

BERÇOS E ENXOVAIS

Realisou-se mais uma vez, durante a «Semana da Mãe», em tôdas as Delegacias e sub-Delegacias, do país, a distribuïção de berços e enxovais a mâis pobres.

Esta iniciativa da M. P. F., que desde o primeiro ano foi acolhida em tôda a parte com grande simpatia, continua a merecer os mesmos louvores, pelo lindo gesto de caridade que representa e pelo bom gôsto e perfeição dos trabalhos executados pelas Filiadas.

Em tôdas as Delegacias e sub-Delegacias os berços e enxovais estiveram expostos antes de serem entregues, e, apesar dessas exposições já não terem o atractivo do inédito, ainda não diminuiram de interêsse, porque a sua graça e beleza são tais que os olhos se deliciam sempre e sempre o coração se comove.

Como escrevia um jornal de Braga na notícia que dava sôbre a exposição dos Berços naquela cidade: «Não é já o símbolo apenas a interessar, é a realidade palpitante, viva, a documentar o espírito de iniciativa das Filiadas da M. P. F. e das suas muito dignas Dirigentes».

Nesses berços e enxovais a vocação maternal é sublimada, o amor de família exaltado e a caridade toma aspectos de solidariedade carinhosa.

Porisso, bem se pode repetir de tôdas as exposições realizadas por êsse Portugal além, o que dizia um jornal de Coimbra referindo-se a essa cidade: — «Bonita coisa, bonita e enternecedora, a exposição dos berços realizada no Liceu Infante D. Maria».

Este coração é bem o símbolo do coração das filiadas que todos os berços levam consigo...

Cada berço era acompanhado dum enxoval

QUERES VIR TOMAR CHÁ COMIGO?

O LAR

É tão agradável neste tempo frio tomar uma chávena de chá bem quente, enquanto se conversa pacatamente numa casa amiga. Mas só chá... é pouco... Não se poderá também comer uma fatiazinha de pão e algum bolito? Já se vê que se pode! Mas como os tempos são de crise, não sejamos exigentes, nem extravagantes... Como há pouca manteiga para pôr no pão, por que não fazer um cremezinho de ovo e queijo para a substituir? Fica muito bem. Neste género pode-se dar largas à imaginação. E para bolos vou dar umas receitas económicas. Vou-lhes dizer como se fazem, mas não são todos para a mesma vez... Ninguém dá mais, agora, de duas espécies de bolos, num chá íntimo. Não fica bem e não é mesmo elegante. O ser elegante, agora, mais do que nunca, é ser simples e natural. E francamente não é nada «natural» haver muita fartura. Uns bolos que ficam muito em conta, são bons e fazem muito no campo são os chamados

Boleima

Compra-se ao padeiro a massa crúa dum pão de meio quilo. Junta-se-lhe uma colher de boa banha e um ovo inteiro. Liga-se tudo muito bem para que fique tudo bem incorporado. Tenha num recipiente à parte 150 gramas de açúcar escuro, misturado com uma colher de sopa de canela. Unte com banha um tabuleiro pequeno e vá-lhe deitando às camadas dentro ora a massa, ora o açúcar. A última camada é de açúcar com canela. Deixe levedar uns dois dedos. Vai ao forno. Em estando cosido deite-se numa travessa e corte-se aos quadradinhos. É muito bom em quente.

Argolinhas

3 ovos, 3 colheres de bom azeite morno, 3 colheres de açúcar e uma colher de chá de fermento inglês. Bate-se tudo bem e vai-se deitando farinha até se poder tender. Formam-se umas argolinhas que são fritas em azeite e logo depois passadas em açúcar derretido com uns pingos de leite, formando uma pasta grossa. Deixam-se secar e... comem-se.

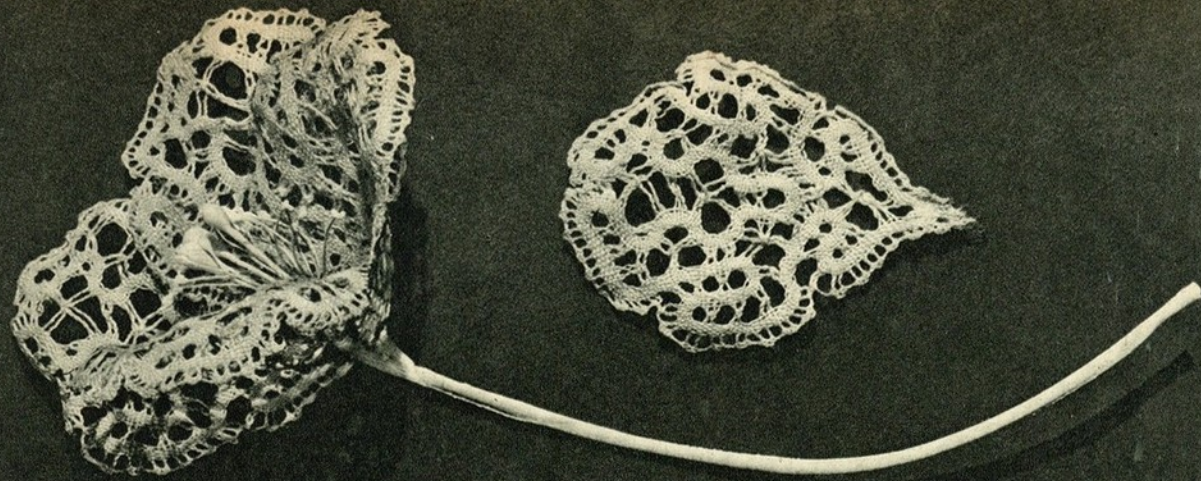
Pastelinhos de batata

Uma batata regular, 250 gramas de açúcar, 3 gemas e uma clara. Cosa a batata com casca, sem sal. Passe pela máquina. Junte o açúcar e bata até dissolver êste. Bata a clara com as gemas e junte à batata. Vão ao forno em forminhas bem untadas de manteiga. Em começando a aloirar, estão prontos. Quem quere deita-lhe raspa de laranja ou de limão.

Biscoitos do Natal

Farinha 250 grs., açúcar 100 grs., manteiga, 50 grs., 1 ovo, três colheres de leite. Uma colher de chá de fermento. Amassa-se bem. Fazem-se uns s s que vão ao forno a aloirar.

Espero que o seu «chá» lhes saiba bem.

FRANCISCA DE ASSIS

TRABALHOS DE MÃOS

A Ex.^ma Senhora D. Maria Camila Carneiro Pacheco, espôsa do senhor Dr. Carneiro Pacheco, que foi o fundador da *Mocidade Portuguesa* e é actualmente Ministro de Portugal junto da Santa Sé, veio de visita a Portugal e teve a gentileza de se lembrar do nosso Boletim — pelo qual tem mostrado sempre um interêsse que muito nos honra — trazendo-nos estas lindas flores de renda de Veneza, grande moda na Itália, para servirem de modêlo às Filiadas que com elas quizerem enfeitar os seus vestidos.

Poderão ser feitas em renda de bilros; depois de prontas, antes de armadas, devem ser ligeiramente engomadas para ficarem mais consistentes e tomarem o arqueado das pétalas.

Cada flor tem 4 pétalas e no centro uns estames brancos.

Damos uma das pétalas separada e em tamanho natural para se ver mais fàcilmente como é feita. A flôr completa também está em tamanho natural.

O CAVALEIRO DO CISNE

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 6)

êle tinha-lhe feito prometer, antes de casar, que jàmais lhe faria preguntas a êste respeito, porque, se tal fizesse, teriam de se separar para sempre. Assim estava determinado por misteriosos decretos do Destino.

Receosa de perder o seu bem, que era cada vez maior — três filhos tinham vindo ainda aumentar a sua ventura — a Condessa calava-se, mas a curiosidade de saber não a largava...

E um dia não resistiu. Fez ao marido as preguntas fatais: Qual era o seu nome? E a sua origem?

— "Desgraçada de ti! mãi infortunada, que fizeste!..." — respondeu-lhe o Príncipe. Destruistes com as tuas palavras a felicidade de todos nós. Desde êste momento tenho de te deixar e nunca mais voltarei!„

E levando aos lábios a sua trombeta de prata, lançou para o lado do rio o seu som, triste como um adeus de saudade...

Ao amanhecer do dia seguinte, o cisne veiu buscá-lo e partiu — para sempre!

Dias depois, a condessa morria de desgôsto. Os seus filhos nunca chegaram a saber o nome do pai, mas puzeram nas suas armas un cisne, que ainda hoje os seus descendentes usam tirando dêsse emblema a sua maior honra e glória.

. . . .

Tôdas as lendas são poesia que se pode aplicar à vida.

Na cadeia do nosso rosário, todos nós trazemos uma campainha mágica, cujo som propagando-se e crescendo chega ao céu — o Reino do eterno Rei, que, ouvindo o apêlo da nossa aflição, nos manda o seu Filho único para nos socorrer.

E a Virgem Maria, que O conduz até nós nos seus braços maternais, é uma visão imaculada, mais resplandecente na sua alvura do que o cisne lendário das águas do Reno...

Nas horas dolorosas, quantas vezes Ela nos tem surgido, trazendo-nos a salvação!

A presença do Senhor vence o mal, restitui-nos a liberdade e a paz; e enquanto o Senhor está comnosco, somos felizes!

Mas ai de nós! Embora prevenidos contra o perigo que corre a nossa felicidade se a expomos a curiosidades proibidas, não resistimos à tentação, e, afastado pelos nossos pecados, o Senhor desaparece... e, perdendo-O, perdemos todo o nosso bem!

Mas — mais afortunados que a Condessa da lenda — o Senhor voltará sempre, se quizermos que Êle volte!

Façamos ressoar de novo a campainha mágica da oração: e o cisne fará a sua viagem de regresso, trazendo-nos de novo o Salvador — e a alegria voltará à nossa vida.

Coccinelle

ERA UMA VEZ...

MÁRIO, o ardina

MÁRIO tinha sete anos; mas era tão baixinho, tão magro, tão enfezado, que parecia ter cinco! E as pessoas que passavam à tardinha pela Avenida ao ouvi-lo gritar, com a sua vòzita esganiçada: — Diário de Lisboa! Olha o Diààário! — riam-se de o ver tão pequeno e já a ganhar a vida. De manhã, ao romper do sol, ia juntar-se ao seu grupo, trabalhando por conta de um dêles, e trazia um monte de «Séculos» a tiracolo: pesavam tanto nos seus pobres ombros! Mas lá ia a correr apregoando, com aquela voz de criança que chegava a enternecer certos corações de mulher...

Já não tinha pais; e vivia com uma tia Engrácia, rabujenta e antipática, que não se cansava de lhe ralhar por tudo e por nada.

— Não passas de um bisnico, criatura! Porque te não levou a morte com os teus pais? — resmungava a cruel mulher.

— Não é minha culpa, senhora — respondia Mário, com os olhos rasos de água.

E, lá saía a correr, quási sem alimento, meio nu, ao frio, ao vento, ao sol... Um dia uma senhora reparara naquele ardinasito tão pequeno; e, ouvindo o pregão esganiçado, vendo o macaco todo rôto e, sobretudo, aquela carinha de fome, quis saber da vida dêle. Comprou-lhe um pãosinho com fiambre, tomou nota da morada e, uns dias depois, entrava no casebre da tia na Fonte Santa.

— Quem é a senhora? — preguntou a mulher, desconfiada e mal humorada.

A senhora sorriu e respondeu:

— O meu nome não importa. Mas interesso-me pelo seu sobrinhito: e gostava de poder valer-lhe. Êle come o suficiente para o trabalho que tem?

— Se a senhora o quere sustentar, melhor para mim — tornou a mulher, casmurra — tomara eu ver-me livre do miúdo, que o que me traz para casa não cobre o que me gasta.

Antes, porém, que a boa senhora lhe tornasse a responder a porta do casebre abriu-se e Mário entrou correndo, com a sua carinha triste de fome e de frio. Ao ver a senhora exclamou:

— A senhora do pãosinho! Então vocemecê achou a casa da minha tia?!

— Olhe, sr.ª Engrácia, se me dá licença eu vou recomendar o garôto ao Prior desta freguezia para êle freqüentar a escola nocturna; depois...

— Que bom! — gritou Mário.

— Lá com priores é que eu não vou à bola — resmungou a mulher, sem ousar protestar de rijo.

— Pode almoçar na minha casa quando vem da venda dos jornais; e arranja-se-lhe algum fatito de vez em quando.

— Oh minha tia, vocemecê deixa, não deixa?

— Tanto se me dá — declarou a sr.ª Engrácia, encolhendo os ombros com ar enjoado.

E a boa senhora, pondo sôbre a mesa algum dinheiro, uma camisola de lã e um pão de meio quilo, tornou:

— O que eu te quero vêr é sempre lavadinho, Mário; o chafariz é perto e a água é de graça. Cá mandarei dizer o dia e a hora em que te hás-de apresentar na Escola.

E a boa senhora saiu, risonha, deixando o ardina radiante e a tia furiosa.

— Ora a serigaita! Que tem você que andar a contar a sua vida às toleironas da alta, não me dirá, seu trinca-espinhas? — gritava a senhora Engrácia dando um empurrão no infeliz sobrinho.

Mas, de repente, a sr.ª Engrácia ficou imóvel e calada, olhando fixamente um canto do casebre, perto da porta da rua. Mário, espantado, seguiu-lhe o olhar.

— Olha! olha!... — começou êle, avançando para êsse canto. A tia, porém, agarrou-lhe o braço e atirou o garôto para trás de si.

— Alto, meu malandro: aquilo é meu; e você não lhe toca nem com um dedo — A mulher abaixou-se e apanhou do chão um rico broche de brilhantes, caído junto à porta.

— Deixe-me ir levá-lo à senhora, sim? Há-de ficar raladinha de desgôsto senão topar com êle quando chegar a casa! — disse Mário.

— O broche é meu e muito meu; você não tem nada com isso: e cuidado com a lingua, ouviu? Senão... há-de saber o que lhe custa.

O pobre garoto baixou a cabeça tristemente e a tia guardou o precioso broche.

Quando Mário, na madrugada seguinte, foi buscar os jornais não pôde deixar de pedir a um dos seus companheiros que lhe dissesse se havia alguém a anunciar um broche perdido.

— Ouvi ontem falar nisso — explicou ao garôto.

— Tenho lá tempo para perder, eh pá! — respondeu o outro correndo com os jornais.

Mas não foi preciso procurar nas páginas dos anúncios; pois ao chegar ao seu casebre lá estava a tia, de jornal em punho, dizendo-lhe, triunfante:

— Cá vem o broche; é êle mesmo! Vistelo?? Não no apanhas, não, minha rica! Caes alvíçaras nem meias alvíçaras: vou mas é empenhá-lo; e é já!

— Se vocemecê faz isso, tia Engrácia, é o mesmo que roubar! — disse Mário, chorando.

Uma grande bofetada tapou a bôca ao garôto; e a tia, pondo o chaile velho e sebento, saiu. Mário chorava num canto sem saber o que fazer para impedir o acto desonesto da tia. Não queria denunciá-la... Não sabia a morada da senhora... Sabia, porém, onde era a casa de penhores que habitualmente lhes emprestava dinheiro sôbre os míseros móveis: era decerto aí que a tia levara o broche. Teve então uma idéia que logo resolveu pôr em prática antes que a tia voltasse. Esgueirando-se pelas ruas menos frequentadas, por aquelas onde provàvelmente a tia o não o encontraria, foi à casa de penhores e entrou de mansinho, fazendo sinal a um garôto maior do que êle para que, sem barulho, chamasse o patrão. E quando o viu, segredou:

— Oh senhor Zé, a minha tia entregou-lhe agora mesmo o broche de brilhantes, bem sei.

— Mas... — cortou o sr. José, de sobr'olho franzindo.

— Deixe-me falar, senão vai você já prêso, mais o broche, mais eu, mais tudo: leva-nos o diabo!

— Você está maluco! — murmurou o homem assustado.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

O SEGREDO DE CLARINHA

Quando chegou o verão separou-se o rancho. Acabados os exames, despachados os estudos, a idéia das férias enchia-os a todos de enorme alegria. Uns iam para as quintas, gosar o belo campo, a vida sã e simples; outros passavam meses nas praias, nos prazeres múltiplos que oferece o mar. Clarinha, porém, antes de se instalarem na bela quinta de São Joaquim, em plena Beira Alta, costumava acompanhar a madrasta e o irmão a umas termas, onde ficavam as inevitáveis três semanas a tratar o reumatismo da condessa.

A CONDESSA *(a Clarinha)* — Preferes que a Sr.ª D. Beatriz vá connôsco para as águas ou não, Clarinha?

CLARINHA — Se ela não vai tomara eu não ir também!

A CONDESSA — Não há maneira mais clara de mostrar que és amiga dela: ainda bem.

D. BEATRIZ *(entrando)* — A senhora condessa mandou-me chamar?

A CONDESSA — Era para combinarmos as suas férias. Mas julgo que a Clarinha bem pouco deseja que as tenha...

CLARINHA — Não nos deixe, não?

D. BEATRIZ *(rindo)* — Está bem, filha, está bem: eu gosto até muito de te acompanhar às águas. Mas só com uma condição!

CLARINHA *(curiosa)* — O que é?

D. BEATRIZ *(a sério)* — E' que se não acabam de todo as lições: serão só meias férias.

CLARINHA *(risonha)* — Que bela condição: nada me custa!

A CONDESSA — Vou tratar das malas: partimos já para a semana.

Nunca, ainda, Clarinha se sentira tão feliz como naquele verão! E graças ao feitio alegre e simpático de D. Beatriz a própria antipatia que sentia pela madrasta parecia mais atenuada...

Mário, cujo temperamento era azêdo e casmurro habitualmente, também se mostrava bem disposto; e todos os dias, enquanto a condessa seguia os seus tratamentos, os dois irmãos passavam com a professora horas calmas na grande mata de cedros e pinheiros.

D. Beatriz e Clarinha levavam livros e trabalhos; Mário entretinha-se com mil pequenas coisas, correndo pelos atalhos cheios de sombra, observando os insectos variados, improvisando camionetas e cavalos.

CLARINHA *(suspirando)* — Que bem que se está aqui! A minha pena é quando chega a hora de ir para casa: e chega tão depressa!

D. BEATRIZ *(cosendo)* — Tudo tem os seus encantos: e a chegada a casa onde temos comodidade, carinho, um bom jantar, numa boa cama...

CLARINHA — Nada disso chega à delicia de estarmos aqui na mata, sòzinhas...

MÁRIO *(chegando a correr e a fingir a busina de uma camioneta)* — Também sou gente, Clarinha!

D. BEATRIZ *(rindo)* — Agora és camioneta, Mário.

CLARINHA — Você não conta: cresça... e desapareça, ande!

(Mário desaparece a correr e a businar)

D. BEATRIZ *(com interêsse)* — Diz-me, Clarinha, sentes-te agora mais feliz do que quando estavas em Lisboa? Andavas às vezes tão aborrecida, tão mal disposta! Não era natural na tua idade.

(Continua)

— Vinha atrás de mim um dêles: e se lhe apanham a joia, você sabe o que lhe acontece. Olhe, já viu o anúncio no Notícias, não viu? — e Mário pôs a página do jornal diante dos olhos ramelosos do homem.

— Viu ou não? Está aqui o broche ou não? E a morada não a vê aqui escapachada?

O homem resmungou:

— Já vi, já vi: é na Rua Alexandre Herculano, n.º 44. Mas que tenho eu com isso? — e o homem, furioso, empurrava o jornal.

— Eu é que o venho livrar da policia; e mais... venho mandado da minha tia. Vocemecê entregue-me já o broche, para eu o esconder hoje; e logo à noitinha já lho trago. Você bem conhece a gente e sabe onde a gente mora. Não arrisca nada.

O homem fitou o garôto, desconfiado...

— Ande, avie-se, olhe que eu raspo-me e o sr. José é apanhado! Se é isso o que quer, olhe, pisgo-me... — e Mário voltou-lhe as costas. Mas o homem agarrando-o, disse-lhe:

— Você traz-mo logo à noite?

— Pois...

Dai a momentos o ardina, correndo apressado, deixava a preciosa joia na morada que o jornal indicava; e fugia sem esperar pelas alvíçaras.

Quando, à noite, a tia o viu chegar a casa, preguntou-lhe:

— Olha lá, fedelho, não tornaste a ver a tua serigaita? Deve estar como uma bicha com a falta da joia!

Um forte empurrão na porta desconjuntada deixou entrar o dono da casa de penhores, exclamando, furioso:

— Que é do broche? Passem-no para cá já!

A senhora Engrácia, espantada, gritou:

— Você está bêbado? Então não lho levei?

— Mas mandou lá o garôto buscá-lo!

Mário, encolhido a um canto, nada dizia; e a contenda dos dois tornou-se tão violenta que dai a meia hora a policia levava prêsos os contendores.

. . . . .

A senhora nunca soube quem lhe levara o precioso broche. Mas continuou a proteger o honrado ardina que deixara, para sempre, a casa da tia.

Carta de despedida às Lusitas

Queridas Amiguinhas

Há perto de quatro anos que eu comunico com vocês nesta Página, só por mim dirigida com todo o interêsse pelos vossos espíritos infantis. E agora que, entrego essa direcção a Filiadas da M. P. F. e que portanto, deixo de vos contar as minhas histórias, pergunto a mim mesma se, nestes quatro anos, (tantos quanto conta o Boletim da M. P. F.) vos terei massado ou divertido?? Bem gostaria que mo dissessem, queridas Lusitas... Não quero, porém, deixar para sempre esta Página sem vos dizer, como palavra de despedida:

Sejam sempre, antes de mais nada, leais!

Lembrem-se sempre que são portuguesas!

Não pratiquem nunca actos que não sejam de boas cristãs! *E creiam que muito vos quer e muito se interessa por vós, acompanhando sempre o vosso desenvolvimento, a vossa Amiga*

MARIA PAULA DE AZEVEDO

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

PORTUGAL

PORTUGAL! Minha Pátria querida pela qual tantos portugueses derramaram o seu sangue!

Como eu desejaria percorrer-te de norte a sul, admirar as tuas belezas naturais, os teus famosos monumentos históricos que simbolizam páginas brilhantíssimas da tua história!

Visitaria primeiro Guimarãis, por ter sido o berço da nacionalidade portuguesa, e onde, por ocasião das festas dos Centenários, o Senhor Presidente da República içou a bandeira da fundação, recordando os primeiros tempos da nossa nacionalidade.

Iria à Batalha vêr o magnífico mosteiro, que simboliza a nossa Independência, em cujas lutas tomou parte D. Nuno Alvares Pereira, jóvem guerreiro de 24 anos apenas, e nela se afirmou verdadeiro herói.

Não deixaria de visitar os Jerónimos que nos recorda a partida de Vasco da Gama para a India e a época gloriosa dos descobrimentos.

Coimbra, centro Universitário dos alegres estudantes, dos grandes homens de àmanhã, e onde se formaram alguns dos grandes homens de hoje, como Salazar e o Senhor Cardial Patriarca.

Visitaria ainda muitas outras cidades e aldeias cheias de encanto, ou recordação histórica.

Subiria às serras, desceria as praias... Portugal inteiro é belo e merece ser visitado em romaria de amor.

Raparigas da Mocidade, tende sempre bem presente que sois filhas de Portugal!

Mas isso não basta: ajudemos os nossos Chefes na tarefa em que andam empenhados para engrandecimento da nossa Pátria.

Peçamos por eles ao Senhor, e, cada uma de nós, na medida das nossas fôrças e no cumprimento perfeito dos nossos deveres, façamos por contribuir para que às belezas naturais de Portugal corresponda sempre a elevação moral dos seus filhos e o bom nome da nossa Pátria.

Maria da Conceição Raposo de Amaral — Filiada n.º 6693 — *Provincia de Extremadura*

"Cumprir!"

Tu, porque és rapariga, pertences à Mocidade — e mais! — és graduada, tens, mais que ninguém, o dever de cumprir sempre... cumprir!

E, cumprir bem, é viver a vida com a alma tôda, é pôr flores nas pedras do caminho, é singrar sempre de alma ao Alto, em direitura ao Bem.

Cumprir!... Cumpres se amares o que vês à tua volta, o Céu, o mar, as crianças, as aves — a Natureza!

Deus criou-te para que O conhecesses; aprende a achá-l'O em cada coisa e saberás cumprir.

Cumprir!...

E' ter um ideal e lutar por êle, bem devotada, com todo o teu coração e com tôdas as tuas fôrças, jóvens de entusiasmo e de saúde.

E' rasgar as mãos cansadas, nas agruras do sacrifício e movê-las ainda, ensopadas em sangue, a afastar as últimas silvas que te barram a passagem.

E' sentir partir-se, aos bocados dentro de ti, um pobre coração que sofre porque é fraco, e continuar a aceitar os golpes que lhe dirigem, «só» porque é esse o teu dever.

Cumprir é, depois de vêr curada uma chaga grande, que muito sangrou, avançar novamente para o combate, e é vê-la abrir-se aos poucos, mais profundamente, mais dolorosamente.

Olha para o Sol, para os campos fartos, para os Bons; ama-os. Sê alegre! E cumpres!... Olha para os velhos, para a Terra inculta, para os maus; chora-os. Sê caridosa!

E cumpres ainda, cumpres sempre!...

Cumprir é servir, é amar, é viver...

Serve com vontade, ama com fervor, vive em Deus, inteiramente... Cumprirás!

«Ninguém»

Vanguardista — Centro 20 — Ala 2 — *Lisboa*

AS DUAS GAROTAS

Foi numa linda manhã de Fevereiro, numa dessas manhãs radiosas em que o sol vem espalhar pela terra os seus raios abrasadores que a linda Marília — uma pequena de 8 anos — brincava no lindo jardim da sua residência com sua prima Margarida, que tinha 9 anos. Tinham os feitios completamente diferentes.

Marília era boa, tinha um coração bonito, ao contrário de Margarida que era muito má para os pobres e para os pais que tinham um grande desgôsto com isso. Nessa manhã, quando brincavam no jardim, Margarida viu aparecer ao portão uma vèlhinha que lhe pediu esmola, e depois de ter atirado pedras à vèlhinha mandou-a embora chamando-lhe nomes. Marília, que nessa altura estava apanhando cerejas numa árvore próximo do portão, correu a dar as cerejas à vèlhinha, que lhe disse: — Obrigada, minha menina, que seja sempre a mais bela das meninas.

Margarida deu uma gargalhada e disse:

— Ai a mais bela! Só se fôr a mais feia. A vèlhinha foi-se embora. Quando à noite a prima foi para sua casa Marília contou o que se tinha passado a seus Pais, que lhe disseram: — Deixa, que ela receberá o castigo da sua feia acção. Vamos agora vêr o que sucedeu a Margarida. Deitada na sua caminha, dormia e sonhava, sonhava que era uma vèlhinha e viu ao longe um lindo castelo e dirigiu-se para lá. Chegou e bateu à porta, a porta abriu-se imediatamente e uma linda menina com cabelos de oiro e de vestido de sêda veiu com um pau na mão e bateu muito na vèlhinha que começou a gritar mas ninguém lhe acudiu.

Quando Margarida acordou lembrou-se do sonho que tivera. Vestiu-se à pressa e foi contá-lo a sua prima jurando diante dela nunca mais fazer mal aos pobrezinhos. Façam o mesmo que Margarida: deixem de ser más e sejam sempre amigas dos seus queridos Paizinhos que tanto fazem por nós.

Odette Amélia D. Triunfante

Infanta — Filiada n.º 31952 — Centro n.º 1 — *Lagos*